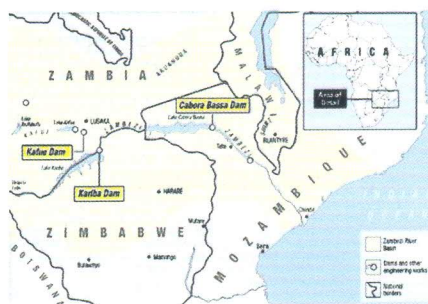


Lilianaes, o pequeno notável!



Wilson Silva Gomes
Presidente da FOC - Federação Ornitológica Catarinense.
Presidente da AJO - Associação Joinvilense de Ornitologia



Ainda é possível apreciar os Agapornis Liliane (ou Lilianaes), voando em bandos, nas proximidades de rios africanos como o Zambezi, depois de uma manobra acrobática, instantaneamente se tornam invisíveis ao pousarem nas árvores ciliares, mas certos da sua alegre presença graças aos sons emitidos, após a euforia da chegada, observando bem os arredores, mergulham para a margem e prudentemente se chegam à água, depois de alguns goles, vem a festa do banho e as revoadas. Esta cena e tantas outras maravilhosas se dão no Sul da Tanzânia, Noroeste de Moçambique, Sul de Malawi, Sudeste da Zâmbia até Zimbabwe.

Claro que apreciar este espetáculo é um privilégio de poucos, são eles os nativos e eventualmente intrépidos pesquisadores. No entanto é uma alegria para muitos em toda terra saber,

que essas graciosas e delicadas aves, estão presentes em seu habitat, ainda que perdendo espaço para a expansão da população humana.

Por outro lado, graças aos grandes esforços realizados por exploradores no século 19, pesquisadores e amantes das aves tornaram acessíveis às pessoas, sua beleza e o encanto da sua presença. Os primeiros exemplares foram importados pela Inglaterra em 1926, e o sucesso da reprodução junto ao convívio humano, proporcionando a disseminação por praticamente todo o planeta se deu graças a Lilian Slater, irmã do famoso ornitólogo W.L Slater, primeira a criá-los, razão pela qual foram denominados Lilianes.

Eles foram descobertos em 1864, curiosamente pensava-se tratar de subespécie dos Personatas, mas, em 1894 Shelley os classificou como uma espécie diferente.

Essa ave tem como característica a delicadeza em suas formas, tendo os seus membros bem menores em relação às outras espécies, como o bico, pés e demais, enfim como um todo a sua principal identificação está no seu porte diminuto, sua dimensão deve estar bem próximo dos 13 cm. Suas cores são intensas onde o verde do corpo se contrasta maravilhosamente com um tom laranja avermelhado, do babador, face e cabeça até o início da nuca (denominado máscara).

No entanto essa belíssima ave, como Deus a criou, vem sofrendo um processo de "mistura", perdendo assim suas características originais, o que chamamos de "padrão selvagem" pois, muitos criadores as cruzaram com espécies diferentes. Este é um problema sério nos agapornis conhecidos como de aro branco (auréola branca ao redor dos olhos) sendo estes, Personatas, Fischeri, Nigrigenis e o Lilianes, aos quais permitiu-se cruzamentos entre si. Inclusive há relatos que isto vem ocorrendo também na natureza, em função da redução do habitat.

Os Roseicollis não têm esse problema porque os filhotes provenientes de eventuais cruzamentos com outra espécie originam filhotes praticamente estéreis (híbridos conhecidos como "mulas").

Creemos que esta seja a principal dificuldade na criação de agapornis de aro branco, pois embora na maioria dos casos os acasalamentos desaconselháveis são permitidos de maneira inconsciente.

Embora seja plenamente visível, quando uma ave tem "sangue" de outra espécie, no entanto para essa identificação exige-se conhecimento técnico. Outros criadores o fazem de maneira consciente não se importando e alguns casos até

